

A vida de Rosa da Fonseca no Brasil oitocentista

Mobilidade social, literatura e história

Maristela da Silva Ferreira*

Introdução

Certa vez, uma mestrandona em antropologia, interessada na pesquisa sobre militares e com dificuldades para recortar seu tema e definir os elementos de sua pesquisa etnográfica, especialmente em relação ao binômio entrevistador/entrevistado, (quem seriam seus informantes, onde seriam realizadas as entrevistas?), recorreu ao renomado antropólogo Celso Castro e, em suas conversas, ouviu dele a seguinte frase, “meu pai é militar, e minha mãe tem muita história pra contar” (2009, p. 93). Para a pesquisadora, iniciante no tema dos militares como objeto de pesquisa, essa foi a chave; estavam assim postos, inicialmente, o seu campo de pesquisa (a família militar) e seu principal informante: a “mulher de militar”.

Essa frase é também a chave para este estudo. Se dona Rosa da Fonseca pudesse nos contar histórias de sua vida em família, quais delas contaria? São, certamente, muitas e variadas. Se tivesse tido a oportunidade de escrevê-las ou de deixar uma narrativa a um biógrafo, estaríamos hoje com uma preciosidade em nossas mãos, para homenagear e honrar aquela que, nascida livre, mestiça, filha de pais desconhecidos, per-

correu bela e heroica trajetória de superação das dificuldades: de sua origem simples e à margem dos padrões sociais, para uma vida urbana no centro da Corte; das margens e bastidores ao centro da cena, de uma família sem reconhecimento paterno, à constituição de uma família de pessoas que, com nobreza, heroísmo, e até mesmo o sacrifício da própria vida, semearam exemplos e valores que reconhecemos hoje como alícerces da construção da história desta nação.

Assim, nesse exercício hipotético de imaginar e escolher, por ela, qual história contar, e, ainda, considerando as fontes que temos¹, realizamos uma pesquisa de cunho exploratório, com fontes bibliográficas e documentais, e decidimos por nos ater à narrativa de um poema anônimo, conhecido pela sua primeira frase, como *Cala-te, amor de mãe*, publicado no periódico *Semana Illustrada*, edição 245, em 20 de agosto de 1865, (reproduzida ao final do artigo), que representa o fato histórico da partida de seu filho mais novo, o último a se voluntariar e a partir para a Guerra do Paraguai.

Por esse ângulo, no diálogo entre Literatura e História, pretende-se mostrar uma face dessa vida de total doação e devoção à família militar e aos anseios da nação.

* Ten Cel QCO R/1 (Magistério, Língua Inglesa; EsAEx/92), mestre em Letras/Linguística (UFJF-MG/05), doutora em Letras/Estudos da Linguagem (PUC-RJ/10). Secretária da Seção de Pesquisas Históricas do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEx).

Das margens da sociedade ao centro da cena do país

Nascida em 1802, em Anadias (AL), no alvorecer de um novo século, em uma nação que logo inauguraría uma nova era com a chegada da Corte Portuguesa (1808), Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcante (1802-1873) testemunhou, até seus últimos dias, uma pátria constantemente convulsionada por inúmeras rebeliões e conflitos internos e devastada por um grande conflito externo, a Guerra do Paraguai.

As condições de vida e o prognóstico de mobilidade social para uma mulher com sangue indígena em suas origens, filha de pais desconhecidos (nenhum registro de pai em sua certidão de batismo, e a mãe, socialmente, também uma desconhecida) e que “ainda tinha comportamento inconveniente para uma moça, como montar a cavalo em pelo, disparar pelas ruas da cidade e nadar nas lagoas” (ROCHA, 1998), eram, como demonstra Del Priore, uma vida em que “Mestiças, mulatas e negras sofriam privações, careciam de educação e tinham sua mobilidade controlada” (2014, p. 14).

Os casamentos à época eram realizados com a observância de alguns critérios; dentre eles o que mais predominava era a recomendação de que o casamento deveria se dar entre pessoas “iguais”, daí serem comuns os casamentos com parentes próximos, primos e até meios-irmãos. Havia inclusive um manual escrito por D. Francisco Manoel de Melo em 1747, que estabelecia:

(...) uma das coisas que mais podem assegurar a futura felicidade dos casados é a proporção do casamento. A desigualdade causa contradição, discórdia. (...) perde-se a paz, e a vida é um inferno. Para a pro-

porção dos pais, convém muito a proporção do sangue; para o proveito dos filhos, a da fazenda; para o gosto dos casados, a das idades.

O Guia estabelecia que as pessoas não podiam ter origens sociais ou religiosas diferentes; que os casamentos entre aqueles que não observavam as “proporções”, como entre católico e muçulmano ou judeu, ou entre branco e negro, pobre e rico, não tinham a harmonia necessária e eram fadados ao fracasso. A igualdade dos bens possuídos era fundamental para assegurar que os filhos continuassem tão ricos quanto os pais. E, ainda “diferença de idade era combatida, pois, se um velho rico se casava com uma mulher bem mais moça, havia o risco de esta, depois de enviavar, gastar o dinheiro com outro homem mais moço”. (DEL PRIORE, 2104, p. 21; 22)

O Estado e a Igreja apostavam em um papel feminino em que as meninas limitavam-se a passar a maior parte entre o oratório e a esteira, não aprendiam a ler, aprendiam apenas a fazer rendas, bordado, e costura. E, para as mulheres, eram previstas duas faces possíveis, dentro e fora de casa:

Dentro da casa a mulher poderia comandar alianças, poderes informais, estratégias. Mas apenas dentro da casa. Na rua, era outra coisa. O risco da perda de honra crescia; conversas com homens eram inadmissíveis. Estar fora depois das Ave-Marias era sinônimo de se prostituir. A diferença entre as mulheres de casa, em geral casadas, e as da rua, trabalhadoras concubinadas ou sós, acentuava-se. (ibidem, p. 19)

Em síntese, deviam resignar-se a serem “incultas, piedosas, prisioneiras da casa”. (ibidem p. 19)

Contrariando todos os padrões e os *Guias*, encontram-se e enamoram-se no ano de 1823, na cidade de Anadia (AL), Rosa e Manuel Mendes da Fonseca. Silva (2013, p. 12) conta-nos que esse encontro se deu quando, nesse período, estava nessa localidade, em missão militar, Manoel Mendes da Fonseca Galvão, em razão do movimento republicano eclodido em Pernambuco com irradiação para as províncias vizinhas.

Rosa, portadora de vários elementos “desproporcionais” ao sucesso do casamento pretendido (mestiça, pobre, de pais desconhecidos), nascida Rosa Maria Paulina de Barros Cavalcante, casou-se aos 22 anos, em 9 de dezembro de 1824, na Igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição em Alagoas, com o Manoel Mendes da Fonseca Galvão (17 anos mais velho), para dissabor da família deste, que era militar, filho de pai negociante e tinha, por parte de mãe, ascendentes militares na família, pertencendo, portanto, a estratos sociais superiores.

Com a desobediência aos preceitos da época e contrariando os prognósticos para o lugar social que deveria ocupar segundo as normas sociais do século XIX, Rosa, a partir de então Rosa Maria Paulina da Fonseca, move-se, ao longo de sua vida de casada, das margens da sua cidade natal, Anadias (AL), para a vida urbana e prestigiosa da cidade da Corte, o Rio de Janeiro, onde, conforme relatado na obra *Deodoro, subsídios para a História* (SENA, p. 204), sua residência era frequentada por seus comprovincianos, com os quais conversava em vários assuntos,

demonstrando clara inteligência, robusta memória e invejável reminiscência, referindo-se com precisão a respeito dos acontecimentos das Alagoas, sua terra natal, e à história dos acontecimentos políticos do seu tempo.

Além de mover-se para o centro da cena da Corte, internamente também, com o falecimento de seu amado esposo em 1859, ocupa definitivamente o centro da cena familiar, assumindo o difícil papel de chefe do lar, pai e mãe de seus dez filhos.

Declarada a guerra com o ditador do Paraguai, sete dos seus filhos, com seu apoio, inclusive o mais moço deles, Afonso, com apenas 20 anos, marcharam, no decorrer do conflito (1864-1870), com consentimento e incentivo da mãe, para o combate, de onde apenas três retornaram com vida.

Essa parte da história, sem final feliz, mas repleta de honra e glória, é aquela que supomos que dona Rosa escolheria para nos contar, e que o aclamado e gasto poema *Calalte, amor de mãe*, ilustra com tanta beleza.

A interface entre história e literatura

Com o intuito de melhor informar sobre a situação do português como idioma nacional no contexto letrado do Brasil imperial do século XIX, em que se deu a redação do poema, acompanhamos Fiorin, 2013, a respeito da política linguística do idioma português como idioma nacional à época:

Até então, o que se falava num território não tinha sido objeto de uma política. A difusão de material impresso, principalmente jornais, tem um papel importante na tomada de consciência de uma unidade linguística nacional. Muitas das línguas nacionais europeias não existiam como tal antes do século XIX. Elas foram forjadas, constituídas, inventadas no curso da elaboração dos estados nacionais. Em Portugal, tem papel relevante na criação de uma identidade linguística o marquês

de Pombal. Ele tinha a nítida consciência do papel da língua no forjamento de uma identidade comum, evidentemente ainda baseada no princípio *cujus regis, ejus língua* [tal rei, tal língua — tradução nossa]. Ele promulga o diretório dos índios em 3 de maio de 1757, em que se determina que a língua geral deixe de ser usada e que o português assuma seu lugar em todos os atos públicos da colônia. (p. 14, 15)

No Brasil oitocentista, e a partir da política linguística do marquês de Pombal, já se esboçava um projeto de “unidade linguística nacional”, o que favorecia a redação, a circulação e a leitura de textos literários, como os que abordaremos a seguir.

Sob o ponto de vista linguístico, entendemos que a língua é uma construção histórico-cultural (TOMASELLO, 1999, 2003; WITGENSTEIN, 1975 [1953]), na qual língua e história se constituem mutuamente. Ela é o sistema de signos por meio dos quais jogamos o jogo da linguagem, enunciamos o presente, o passado e o futuro, onde se disponibilizam as peças e o tabuleiro com os quais se narram e se constituem as práticas sociais, as tradições, as conquistas e as derrotas, os heróis e as grandes personalidades, os castelos e as ruínas.

A historicidade do romance *Iaiá Garcia* e do poema *Cala-te, amor de mãe*

As fronteiras entre história e literatura sempre foram tênues. O romance *Iaiá Garcia* (1997 [1878]), de Machado de Assis, é um ótimo exemplo dessa articulação entre literatura e história. Em seu discurso literário, recuperam-se de tal modo as configurações histórico-sociais da época, que ele pode ser compreendido, também, como mais uma fonte de consulta acerca

do contexto político, social e até mesmo antropológico do Brasil das últimas décadas do século XIX.

No romance, Machado já sinaliza algumas características satíricas que irão marcar seu estilo. O autor deixa transparecer, nessa narrativa, um desencanto com os mecanismos políticos de sua época, observando de forma perspicaz e implacável o mundo que o rodeava.

Como analisa Araújo (2010), as penas do *Bruxo do Cosme Velho*² em *Iaiá Garcia* nos proporcionam a visualização de algumas implicações sociais e políticas em torno da busca e orientação por algo comum e que pudesse nos unir em torno do “manto de uma nação ‘forte e coesa’, configurada na unidade das províncias brasileiras em nome do imperador”.

Nas próximas linhas, retomamos, de forma panorâmica, e seguindo resenha de Araújo (2010), o enredo e alguns trechos do romance machadiano julgados relevantes para a compreensão de um ângulo da identidade nacional brasileira oitocentista, bem como do provável papel exercido pela Guerra do Paraguai no erigir simbólico desta nação.

A narrativa de *Iaiá Garcia* centra-se principalmente na preocupação de Valéria em separar seu filho Jorge de um amor que considerava infrutífero e socialmente impróprio, ilustrado por Machado na figura de Estela (agregada da família, portanto, desqualificada para seu filho). Não sendo bem-sucedida em seus propósitos, Valéria pede a presença e atuação de um grande amigo da família e de seu falecido marido, Sr. Luís Garcia, que atuava como uma espécie de conselheiro da família e, em seu entendimento, era a pessoa mais bem indicada para proceder à separação de Jorge e Estela.

Luís Garcia, apesar de não concordar com os meios utilizados pela mãe de Jorge e para separar o filho de Estela, (uma agregada, alguém socialmente inferior), discordava veementemente da ida de Jorge para o Paraguai. O conselheiro achava que o alistamento de Jorge como voluntário para a guerra seria um desperdício. Para Garcia, anulava-se assim uma promissora carreira de advogado. Abaixo, um diálogo entre Valéria e Luís Garcia em torno da repercussão da guerra e do futuro de Jorge:

— Sr Luís Garcia, disse a viúva; esta Guerra do Paraguai é longa e ninguém sabe quando acabará.
— Vieram notícias hoje?
— Não me consta.
— As de ontem não me animaram nada, continuou a viúva depois de um instante. Não creio na paz que López veio propor. Tenho medo que isto acabe mal.
— Pode ser, mas não dependendo de nós...
— Por que não? Eu creio que é chegado o momento de **fazerem todas as mães um grande esforço e darem exemplo de valor, que não serão perdidos** (grifo nosso). Pela minha parte, trabalho com meu Jorge para que vá alistar-se como voluntário, podemos arranjar-lhe um posto de alferes ou tenente; voltará major ou coronel. Ele, entretanto, resiste até hoje, não é falta de coragem nem de patriotismo; sei que tem sentimentos generosos. Contudo resiste...
— Que razão dá ele?
— A razão é boa.
— Sim, porque a mim custaria a separação. Mas não se trata do que eu ou ele podemos sentir: trata-se de cousa mais grave, da pátria, que está acima de nós. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 12)

Jorge, ao despedir-se de Estela, confessa a verdadeira causa que o levara a se voluntariar à guerra:

(...) não é o patriotismo que me leva, é o amor que lhe tenho, amor grande e sincero, que ninguém poderá arrancar-me do coração. Se morrer, a senhora será o meu último pensamento; se viver, não quero outra glória que não seja a de me sentir amado. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 35)

Enquanto a mãe de Jorge o empurrava para a guerra, não por patriotismo, mas para salvá-lo de um casamento socialmente inadequado aos padrões de seu tempo, os filhos de Manoel e Rosa da Fonseca, por razões bem diversas, verdadeiras convicções patrióticas suas e de seus pais, marcharam para os campos de batalha. Essa história, cheia de glória e sacrifícios, é retratada no poema abaixo, publicado na revista *Semana Illustrada*, edição 245 (reproduzida ao final do artigo), de 24 de agosto de 1865,

Cala-te, amor de mãe

Cala-te, amor de mãe! Quando o inimigo
Pisa da nossa terra o chão sagrado.
Amor de pátria, vivido, elevado,
Só tu na solidão serás comigo!

O dever é maior do que o perigo;
Pede-te a pátria, cidadão honrado;
Vai, meu filho, e nas lides do soldado
Minha lembrança viverá contigo!

És o sétimo, o último. Minh'alma
Vai toda aí, convosco repartida,
E eu dou-a de olhos secos, fria e calma.

Oh! não te assuste o horror da marcia lida;
Colhe no vasto campo a melhor palma;
Ou morte honrada ou gloriosa vida.

A revista *Semana Illustrada*, periódico semanal, fundado por Henrique Fleiuss em 1860, circulava todos os domingos, era composta, normalmente, por oito páginas, quatro de texto e quatro de ilustração, e tinha em sua redação no-

mes ilustres como Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Quintino Bocaiúva, que muitas vezes colaboravam anonimamente.

O periódico, que circulou de dezembro de 1860 a abril de 1876, com parâmetros gráficos que lançaram a qualidade editorial da época a elevados patamares, era o instrumento impresso de comunicação mais popular do Império à época. Nas ilustrações de Fleiuss — verdadeiras obras de arte — e nos textos, predominavam o tom da sátira e da crítica social.

Foi nesse prestigioso meio de comunicação que foi publicado o poema anônimo *Cala-te, amor de mãe*, atribuído por muitos a Machado de Assis, e por alguns à própria matriarca. O respeito e o reconhecimento aos feitos heroicos dos filhos de Rosa e à dor da mãe que entregara,

sem garantia de volta, os filhos à pátria foram tão grandes que o poeta anônimo despediu-se, dessa vez, do tom satírico ou crítico com que normalmente os textos eram redigidos. Narrou, em linguagem poética clássica, a heroica história dos filhos de Rosa da Fonseca, dando voz a ela, dona Rosa, para contar, em meio à dor, à abnegação e à firme convicção patriótica, a dor da partida de seu último filho para a guerra, da qual, mais tarde, três deles não retornariam: Afonso Aurélio da Fonseca, Eduardo Emiliano da Fonseca e Hipólito Mendes da Fonseca.

O discurso literário manifesto nesse poema envolve uma modalidade narrativa que capta e trata as questões propostas por aquele período, as mesmas discutidas em prosa por Machado em *Iaiá Garcia*. A po-



Figura 1 – poema *Cala-te, amor de mãe*, de Rosa da Fonseca

Fonte: *Semanas Ilustradas*, de 20 de agosto de 1865

larização que dividia a sociedade torna-se nítida nessas duas obras. Naquele romance (*Iaiá Garcia*), uma mãe querendo salvar seu filho de um casamento desprestigioso lança-o à guerra, aqui, dona Rosa querendo salvar a nação do inimigo invasor entrega seus filhos à pátria.

Por fim, e ainda para explorar um pouco o mistério da autoria do poema, pensamos que não podemos perder de vista a engenharia dessa pequena grande obra. Ele guarda a forma clássica de um soneto aos moldes camonianos, quatro estrofes, dois quartetos (as duas primeiras de quatro versos), e dois tercetos (as duas últimas de três versos), com um único tema percorrendo as quatro estrofes; há no poema uma chave de abertura e um fecho e, ainda, versos que se combinam pela rima e pela métrica. Nossa hipótese a respeito da autoria, dada a estrutura do poema, seu “engenho e arte”, é que seria mesmo do escritor e colaborador da revista, Machado de Assis, e não de Rosa da Fonseca. A história da produção literária do escritor o habilita com muito mais recursos para a redação desse gênero textual.

Convém lembrar que, como nos esclarece Del Priore (2014), as meninas naquela época, mesmo as das camadas sociais mais elevadas, eram criadas para bordar, costurar, servir, e a grande maioria nem mesmo aprendia a ler. Rosa da Fonseca, por mais perspicaz e atenta a tudo que dizia respeito à sua pátria e à sua família, provavelmente não teria tido a educação e treino literário que a instrumentalizassem suficientemente com as regras da escrita, as restrições, os critérios, as convenções linguísticas e estéticas necessários à elaboração de um poema como o que estamos abordando. Nesse

sentido é que pensamos que, embora suas reflexões e sensibilidade a habilitassem, provavelmente lhe faltariam as convenções linguísticas adequadas.

Considerações Finais

Conta-se que, mesmo diante da morte e da dor pela perda de seus três filhos, vitimados em combate pelas balas inimigas, quando ouviu falar em ajuste de paz com o ditador do Paraguai, ela, cheia de abnegação e de patriotismo, dizia a seus amigos,

Prefiro não ver mais meus filhos! Que fiquem todos sepultados no Paraguai, com morte gloriosa no campo de batalha, do que enlameados por uma paz vergonhosa para a Pátria. (SENA, 1999, p. 204)

Assim, de volta ao exercício hipotético anunciado na introdução deste texto, acreditamos que a história narrada no poema *Cala-te, amor de mãe* seria aquela que dona Rosa escolheria para contar todas as vezes em que fosse chamada a falar de sua vida e da vida de sua família — a sua mais dolorosa história familiar, aquela que mais marcou sua memória e seu coração, e a que mais precisa ser lembrada, jamais esquecida.

Nós, leitores, com a ajuda dos livros de história e romances de época, construímos, a partir do poema, com a doce invocação da presença de dona Rosa, uma narrativa literária em que poesia e história tornam-se uma só matéria, um só discurso. Nessa textura, salta aos olhos e ao coração o gesto consciente de uma mãe que, dolorosa e abnegadamente, entrega à pátria sete dos seus dez filhos. A história nos mostra que dor maior ainda esta-

va a ela reservada: receberia de volta apenas três — experimentando a dolorosa matemática dos tempos de guerra.

Uma matriarca que, de forma poética e imperativa, determina silêncio ao coração de mãe, entregando seu último filho, de “alma repartida” e “de olhos secos, fria e calma”. Mantendo-se digna e firme até o final, “consolando noras e familiares” e, como nos relata Sena 1999 (p. 204), adorando a frente da casa com bandeiras e flores toda vez em que eram noticiados os gloriosos feitos d’armas do Exército Brasileiro na dura Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai.

Esta é Rosa Maria Paulino da Fonseca, aquela que, nascida livre, mestiça, filha de pais desconhecidos”, para quem o prognóstico das regras e dos guias sociais, como

aqueles contidos no manual D. Francisco Manoel de Melo (1747), seria o de continuar a ocupar os estratos mais marginais da sociedade e manter-se em sua invisibilidade social, moveu-se com garbo e fidalguia desse possível apagamento histórico para ocupar não apenas o coração de Manuel Mendes da Fonseca, mas também o centro das atenções dos poetas, dos leitores da corte, dos comentaristas históricos da vida de seu cônjuge e de sua lendária prole.

À dona Rosa da Fonseca o nosso Exército prestou, em 10 de junho de 2016, por meio da Portaria nº 650, do comandante do Exército, uma justa, merecida e perene homenagem, oferecendo a ela o trono de Patrona da Família Militar e instituindo, a partir da data de seu nascimento, 18 de setembro, o Dia da Família Militar. 

Referências

ARAÚJO, Tiago Gomes de. Jorge, Iaiá e Machado de Assis, na Guerra do Paraguai. Dossiê. In **Revista Mosaico**. V. 3, n. 1, p. 73- 79, Jan./Jun 2010.

Semana Ilustrada. Edição 00245, de 20 de Agosto de 1865. Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em <memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702951&pasta=ano%20186&pesq=edi%C3%A7%C3%A3o%2000245>. Acesso em 15 de abril de 2017.

A Semana Ilustrada. História de uma inovação editorial. Rio de Janeiro: Cadernos da Comunicação. Série Memória nº 18 - Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2007.

BARROS, José D’Assunção. O campo da história: especificidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

BORGES, Valdecir Rezende. História e literatura: algumas considerações. In: **Revista de Textos da História**. V. 1, n 1, junho 2010.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.) **A história contada**: capítulos de História social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 7-13.

CHARTIER, Roger. Cultura escrita, literatura e história. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHINELLI, Fernanda. Pesquisa e aliança: o trabalho de campo com mulheres de militares. In: CASTRO, Celso; LEINRER, Piero (Orgs.). **Antropologia dos militares**: reflexões sobre pesquisas de campo. Rio de Janeiro: FGV editora, 2009. p. 93 -109.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**: amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história. São Paulo: Planeta, 2014.

FIORIN, José Luiz. Prefácio. In: LOPES, Luiz Paulo da. (org). **O Português no século XXI**: cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola, 2013.

SENA, Ernesto. **Deodoro**: subsídios para a História. Brasília. Coleção Biblioteca Básica Brasileira, 1999.

Rio de Janeiro. Secretaria Especial de Comunicação Social. Cara e coragem de um inovador In: Cadernos de Comunicação. Série Memórias. **A semana ilustrada – História de uma inovação editorial**. 2007.

SILVA, Alberto Martins da. Rosa da Fonseca e seus filhos. Distrito Federal: Editora Athalaia, 2013.

TOMASELLO, M. **The cultural origins of human cognition**. Cambridge: Harward University Press, 1999.

_____. **Constructing a language**. London: Harward University Press, 2003.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1975 [1953]. (Coleção Os Pensadores).

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ São escassas a bibliografia e as fontes de pesquisa, pois só recentemente dona Rosa se tornou verdadeiro objeto de pesquisa, especialmente com o evento da sua entronização como Patrona da Família Militar (Portaria nº 650, de 10 de junho de 2016, do comandante do Exército, que aprova a Diretriz para a Entronização de D. Rosa da Fonseca como Patrona da Família Militar e estabelece o Dia da Família Militar) e com a realização do Ciclo de Estudos de Teoria e Método Aplicados à História Militar (CEPhiMEx 2016), cujo tema foi “O Legado de D. Rosa da Fonseca para a Família Militar”.

² Joaquim Maria Machado de Assis (1839 -1908), considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira e, talvez, mundial, primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, ganhou a alcunha de “O bruxo do Cosme Velho” a partir de uma obra a ele dedicada, escrita por Carlos Drummond de Andrade e intitulada A um bruxo com amor; a alcunha faz referência, ainda, à casa nº 18, da rua do Cosme Velho, onde morou Machado.

Nas próximas páginas, segue-se reprodução do periódico *Semana ilustrada*, edição nº 245, de 20 de agosto de 1865.



Os senhores, que nos quizerem honrar com artigos e desenhos, terão a bondade de remettê-los em carta fechada, á redacção da SEMANA ILLUSTRADA, no Imperial Instituto Artístico, largo de S. Francisco de Paula n. 16, onde tambem se assigna.

QUINTO ANNO.

N. 245.

PUBLICA-SE
TODOS OS DOMINGOS.

PREÇOS.

CÓRTE.		PROVÍNCIA.	
Trimestre.	5\$000	Trimestre.	6\$000
Semestre.	9\$000	Semestre.	11\$000
Anno.	16\$000	Anno.	18\$000

Avaliso 500 rs.



Dr. Semana: Então, moleque, que é isso? Estás ajudando a suspender este edifício todo?

Moleque: Nhonhô, não sabe que tudo quanto cheira a molecagem é obra da minha officina?

Dr. Semana: Mas não tens medo? Não vês que o peso é superior á força de ambos vocês?

Moleque: Quo importa, nhonhô. Quando não puder aguentar, safo-me e deixo o cabo na mão do collega suspensor geral, que hade ficar debaixo da ratoeira.

1953

SEMANA ILLUSTRADA.

SEMANA ILLUSTRADA.

Rio, 20 de Agosto de 1865.

Novidades da semana.

Ora ainda bem! Temos novidades frescas, fresquissimas como os queijos londrinos do ultimo paquete.... do anno passado.

Mas não ha remedio senão impingil-as ao respeitável publico. E' com esses *frescos*, que se engorda os tolos, e Deos sabe que elles não faltão nesta boa, leal, heroica e simplicia cidade do Rio de Janeiro.

Chegou o paquete da Europa; muito bem: nada de novo no mundo politico: pouco variante no mundo commercial.

Mas nem tanto. Uma notícia nos trouxe que pela sua *frescura* está no caso de ser engulida como uma pilula.

O governo frances, quer dizer, Luiz Napoleão não pretende intervir nas eleições municipaes; quer experimentar a liberdade, para conhecer a opinião do povo.

Ah! Molière! Molière! que se vivesses tinthas a tua gloria perpetuada agora em uma comedia immortal!

Entretanto quer os franceses na Argelia e em Cayena e os arabes em Paris.... para o que der e vier.

• • •
Temos revolução na Hespanha?
Haverá reacção em Berlin?

A Austria cederá o passo á Prussia? Portugal achará um organisador de gabinete?

A Italia entender-se-ha com o papa? A Belgica banirá os banidos? A Inglaterra offerecerá a faca esquerda ao guante provocador do primo americano?

Questões são estas que nem O'Donnell; nem Bismark nem Francisco José; nem o Marquez de Loulé; nem Antonelli; nem o rei Leopoldo; nem lord Palmerston; nem Eu, as podemos resolver assim do pé para a mão.

E' nestas dificuldades que mais inveja me causa a profunda e sagaz sabedoria, com que o correspondente de certo *Jornal* corta como Alexandre todos os nós intrincados da politica.

• • •
Tivemos mais um paquete.... de arribação. Vinha do Sul mas para Liverpool. A direcção do vapor e a ausencia de navios dessa procedencia faz crer que daqui por diante estamos arriscados a receber noticias do Rio da Prata pelo telegrapho de Cabo Frio.

Esse novo metodo terá ao menos a vantagem de nos trazer as noticias já *frias* para não causarem indigestão aos estomagos inflamados, que costumão ir á praça do commercio vomitar mentiras negras.

Gravissimas foram as noticias. Não as chegadas no Uruguai mas as inventadas pelos tunantes *judeus* e acrescentadas pelos boquiabertos das ruas.

Foi tomada a Uruguai! A esquadra brasileira foi quasi totalmente destruída por um pampeiro!

Robles avança sobre a Concordia com 60 mil homens e 60 peças de artilharia!

O Jequitinhonha foi salvo pelos paraguaios e faz hoje parte da esquadra dos piratas!

Ora eu não quero duvidar de que todas estas tristes notícias possam realisar-se. Mas por que canal occulto souberão os novelleiros tanta novidade?

A cousa é simples. Como toda a criança tem pai, o pai escolhido para estas petas é sempre um *passageiro* que esteve com todo o mundo e que ninguem viu.

E' louro ou moreno? Tem bigode e pera ou usa sissas? Traz barba á ingleza ou não a tem nenhuma? E' alto ou baixo? Pouco importa.

Com qualquer destes predicados hade achar-se por força um homem e sobretudo quando esse homem é passageiro, o que se lhe hade fazer?

• • •

Bocage voltou ao Brasil. Mas não se distingue mais pelo rabicho nem pelos calções afilados. Fez nobremente a sua entrada no theatro brasiliense sob a forma de um dos mais bellos dramas da lingua portugueza. Bocage já não é mais um *hyeroglyphico* mysterioso, que cada um dizeirava a seu modo. O Chapelion afortunado foi desta vez o illustre litterato portuguez o Sr. Mendes Leal. Bocage deixou de ser um enigma para ser o heroe de um drama esplendido pela linguagem, rico pelo sentimento, nobre pela fidelidade guardada e dos costumes do povo portuguez, n'uma época já bem affastada de nós. Coube ao Gymnasio Dramatico a dupla gloria de representar o drama e re-presentá-lo bem. O que se pôde exigir de um theatro acanhado e de uma empreza desajudada ainda a pesar da tenacidade e do esforço intelligente de seu director artista, lá se mostrou.

Nem quero ter olhos para os senões da execução. Fôra injustiça exigir tudo. Já não é pouco o que faz Furtado Coelho tentando reerguer o theatro abatido e animal-o de novo para estrea e gloria dos novos talentos litterarios e artisticos que por ventura tenham de florescer entre nós.

A sociedade elegante não deve desamparar o pequeno theatro que tantas noites amenas lhe offereceu outr'ora e que de novo procura chamar-a á custa de grande trabalho e grande esmero na escolha e na cohibição dos dramas. A tantos sacrificios deve o publico uma compensação.

E' verdade que a época é má. Mas não será essa mais uma razão, para que o publico tenha uma casa de espetáculo onde encontre nobre e honesta diversão ás preoccupações que o acabrunhão?

O Dr. Semana é sem duvida folgazão. Fuma e bebe cerveja como qualquer polaco. Gosta de muitas outras

cousas de não fallará aqui; mas declara terminantemente em nome do seu amor á litteratura e ás artes, em nome do seu bom gosto, que prefere o Gymnasio ao Alcazar e que não comprehende como uma empreza frívola enriqueça em quanto outra empreza seria e util pôde definhar por falta de auxilio.

* * *

E já que fallo em theatro tenho uma boa noticia a transmitir ás minhas leitoras. Não é novidade, mas é agradável.

Abre-se n'estes dias o theatro Lyrico. A esforços do novo e habil emprezario o Sr. Dr. Pedro Veloso o velho barracão provisório acha-se hoje transformado em um bello theatro. A larga despeza effectuada com a renovação do edifício permittio que á solidez comprovada pelos engenheiros fiscaes do governo se unisse a elegancia e o bom gosto na decoração do theatro.

Já não ha perigo de ratoeira. O edifício pode-se dizer reconstruído.

Damos por isso os parabens ao publico fluminense que com razão devia estar saudoso das bellas noites passadas nesse theatro.

A signora Tabacchi, prima dona absoluta, (irmã do celebre escultor Giovanni Tabacchi, autor da colossal estatua do conde de Cavour na cidade de Milão), cabe a gloria de inaugurar a nova estação lyrica que hoje comeca. Sobre seu alto merecimento artístico é escusado acrescentar elogios. O publico recorda-se agradavelmente das noites deleitosas por ella offerecidas no anno passado.

O longo intervallo da sua retirada de scena aproveitou-o ella, segundo me informão, aprofundando os seus estudos e acrescentando os bellos dotes que a exornão.

E' justo, pois, e natural que o publico concorra de novo ao theatro lyrico, paixão, pelo menos, mostrar-se reconhecido aos esforços do Sr. Dr. Veloso.

Emprazamos, pois, as nossas bellas leitoras a que frequentem os espetaculos que vão começar, concorrendo dessa forma para suavizar com a sua encantadora presença as afflictivas preocupações do espirito publico nessa época de guerra e de desastres.

* * *

Ao mesmo tempo previno ao publico, que hâde ouvir neste mesmo theatro lyrico uma novidade que é muito superior aos campanologos.

E' o homem dos copos.

Quando os campanologos tocárão o miserere do trovador com campainhas, o celebre homem dos copos toca

Não digo mais nada, vão vér.

* * *

E por fallar em desastre posso hoje ser menos reservado do que fui sobre o desastrado *Deu de rico*, que deu de facto ás de Villa Diogo sem deixar lembranças a ninguém nem mesmo ao capitão Pimentel.

Mas não serei injusto.

O homem não é tão ruim como se diz, nem se partiu desse côrte tão cedo e tão contente sem deixar saudades a muita alma afficta.

Chorão por elle os pobres credores da casa Souto!

Chorão por elle os administradores infelizes da infeliz massa fallida!

Chorão até, quem o diria, muitas nymphas atraídas que apesar de tudo se consolavão com a esperança de algum por cento sobre as suas *avoadas* economias!

E dizerem que não ha destinos! Peta, que os ha.

Dr. Semana.

O recrutamento.

A *Semanas Illustrada* quer o recrutamento, considera-o meio muito legal de que o governo serve-se para engrossar as fileiras do exercito e obrigar o patriotismo tardo e egoístico a pagar o necessário e imperioso tributo de sangue, que os voluntarios, sem a menor coação, estão pagando e já pagárão em Paysandú, em Corrientes, em Riachuelo e em S. Borja.

O amor da patria, primeira das virtudes civicas e origem de todas as outras, deve ser espontaneo, e por isso que é indispensavel, não só aos creditos do paiz como á educação do cidadão é que cumpre haver quem o infiltre naquelles que se mostrão indiferentes e surdos aos clamores das trombetas, que chamão ás armas os brasileiros nos campos de S. Pedro do Sul e de Matto-Grosso.

Mães carinhosas, desrespeitadas por seus filhos, têm direito a constrangê-los a que as amem e obedeçam.

A patria, primeira das mães e a mais digna de acatamento e de obediencia, não pôde prescindir deste meio de disciplina natural.

E' portanto o recrutamento, a que o governo tem mandado proceder, muito justo, muito louvável.

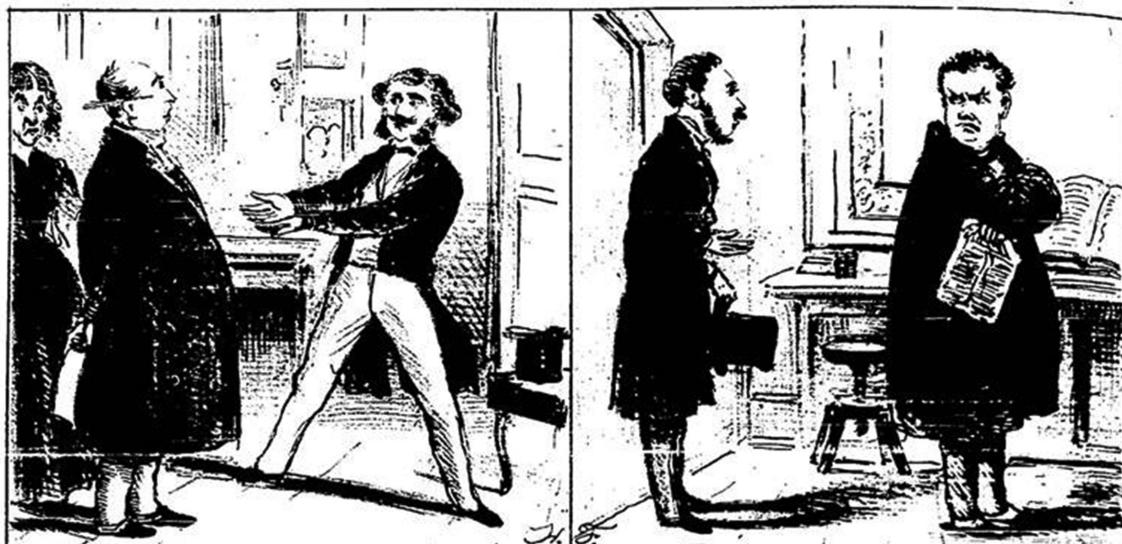
Deseja mesmo a *Semanas Illustrada* que elle engrossse o exercito com 20,000 soldados mais.

As victorias e a victoria final contra o Paraguay usado e traidor não podem ser postas em duvida, hão de ser alcançadas em batalhas glorioas dignas da coragem nunca desmentida dos defensores da dignidade nacional.

Mas esses triunfos duplicarão de interesse de economia de sangue e de dinheiro se forem obtidos com rapidez.

Taes vantagens dependem do numero e da dedicação dos soldados. Ambos existem é certo, mas o primeiro ainda não é suficiente á obtenção da rapidez, valiosa incognita do problema, que o recrutamento ajudará a resolver.

O problema é a paz breve quanto possível, a debellação do inimigo perfido e feroz, o anniquilamento da hydra da guerra, que ha tantos annos colla nas margens do Prata e dos seus affuentes, retardando senão nullificando a ação da civilisação nessas paragens do antigo domínio hespanhol tão credoras de melhor sorte.



Os especuladores.

—Eu sei de um negocio em que o Senhor pôde ganhar 50 contos; vou dizer-lhe como. O senhor disse ha dias que dava á sua filha 100 contos de dote; pois eu a aceito com 50 contos—lucro de 50 para o senhor.

—O senhor quer tomar parte em um negocio com 10:000\$? Não? com 5:000\$? Tambem não? Com 2 contos, com 1, com 500\$000? Nada? Então faça o favor de emprestar-me 5\$000!



Alcazar lyrique. Orphée aux enfers.

Soirée ordinaire.

Soirée particulière.



Uma revista de Lopez.

Todo fardado e enfeitado, passava este individuo uma revista aos soldados, que andão descalços e maltrapilhos; de repente, sentindo que o chapéu o encommoçava, descobriu a cabeça. Os generaes fizerão o mesmo, supondo que era uma ordem de seu senhor!

• Oh! oh! oh! ah! ah! ah!
Quel bon roi c'était là!

1957

SEMANA ILLUSTRADA.

Vencer o Paraguai, castigar severamente as cruasas, que, subservientes aos caprichos e fatuidade de seu caudilho inquieto, tem commettido as hordas daquella região obscura em todos os logares, que inflamão com a sua presença, não é só consolidar o interesse do Brasil, é também praticar obra de misericordia em favor daquele povo opprimido por jugo feroz sem exemplo no seculo actual e com muito poucos nas idades passadas.

Obrigue o Brasil a que esse estado *sui generis* se baptise na pia da civilisação e se organize por meio de normas de algum regimem conhecido, que não seja o do despotismo.

No dia em que se chegar a tão brilhante resultado a *Semanas Illustradas* dará mil bravos, cobrirá de bençãos quantos espontanea e forçosamente tiverem concorrido para tamanho triunfo na causa da civilisação e do progresso.

Então contra o recrutamento é que se ha de pronunciar o

DR. SEMANA.

Scenas do recrutamento.

Os encarregados do recrutamento têm feito algumas pequenas violencias da natureza das que são proprias do acto, legal sem duvida sobretudo nos tempos actuaes, mas antipathico a todos aquelles que, tendo traçado a sua derrota, achão-se tolhidos no meio da viagem, ou obrigados a dormirem no xadrez quando podião roncar a gosto entre os aquecidos lençóis domesticos.

Est'outro dia um recrutador pôz embargos aos passos de um homem trajado de preto e com uma volta ao pescoço indicativa de que era pelo menos clérigo de ordens menores.

O embargante não reparou na volta do embargado, só queria saber da ida.

— Tem documentos de isempção? perguntou o risrido recrutador.

— Sim, senhor, responde-lhe o recrutando, fanzendo-lhe profundo comprimento com o chapéu na mão e mostrando-lhe no alto da cabeça a mais redonda e tonsurada coroa de padre, que tem sahido das navalhas do Sr. Ferreira, da rua Quitanda, perito escanhoador e mestre de systemas capilares.

O tonsurado rodou sobre os calcanhares e o recrutador ficou sem tugar nem mugir.

* * *

Ao cahir da noite de terça-feira, é chamado um transeunte de aspecto grave e vestido decentemente.

— Que deseja? inquire do importuno.

— Causa pouca: que falle ali com o Sr. Capitão, re-dargue-lhe o chamariz.

— Oh! senhor! pois até com um senador! tornou-lhe o importunado.

— Então V. Ex. queira perdoar, eu não sabia....

perdão, mil perdões — foi o epílogo do arreganho do zeloso chamador.

O chamado tinha de senador apenas a idade; as virtudes e as maiores partes que a Constituição exige para tão elevado cargo, essas ninguem saiba se elle as possue.

* * *

Na tarde da festa da Glória, que foi mananha para os recrutadores, um discípulo do Instituto dos Mudos, à rua do Passo n. 42, foi chamado á contas.

— Em que se empregava? perguntárao-lhe com a entoação do costume.

O menino, lembrando-se da ferula do *muito alto* pedagogo, fez algumas caretas e respondeu por acenos apontando para a casa do Instituto, que estava perto e fechada por não ser dia de descontos e suspensões.

Supondo os recrutadores que o menino zombava, derão-lhe a voz de marcha acompanhado de uma praça.

O jovem mudo por efeito da muito *corteza* e *util* pedagogia, lembrou-se que guardava na algibeira o n. 244 da *Semanas Illustradas*, em que está desenhado o quadro de uma lição geral do Instituto, presidido pelo descommunal pedagogo. Apresenta o jornal ao recrutador.

Vendo esse senhor que o moço mudo estava retratado no quadro da lição, mandou-o embora, dizendo-lha:

— Está isento: a chibata desse Instituto é relho de feitor: o que sinto é não poder recrutar o pedagogo, que pela sua *polidez* e *trato ameno* havia de ser optimo granadeiro tanto no tamanho como na bravura.

O Telles e o Tobias.

Quadro de costumes políticos.

III.

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTECEDENTE).

A villa tinha um jornal, que servia aos dous chefes do unico partido que havia antes. Denominava-se o *Pharol*. Tinha um redactor, amigo de ambos. Mas, com a dissensão passou a folha a ser de Tobias, que a fundara. Telles fundou logo outro jornal, denominado *Atalaia*.

Entretanto, o pobre redactor do *Pharol*, como o Tobias ficasse com a folha, foi despedido, por ser amigo de ambos os contendores.

Foi quem perdeu no joguinho.

Perdeu até certo ponto, por que dous mezes depois, zangado com toda a historia, fundou um jornal seu, ao qual deu por titulo *O Azourrague*.

De maneira que veio a villa a ganhar, ficando com tres jornaes, e mais a vida que lhe daria a luta da imprensa.

O *Azourrague* combatia as outras duas folhas.

O primeiro numero da *Atalaia* começava assim:

“ Entrando no campo da publicidade, a nossa missão é defender os verdadeiros interesses da villa, profligar os abusos, louvar as autoridades honestas e cumpridoras de seu dever.

“Está claro que nes te numero não entra o famoso jniz de paz que ha tant o tempo pesa sobre esta infeliz população, creature desresivel, etc, etc.”

O mesmo numero traz ia esta notícia :

“O Sr. subdelegado Telles continua no goso da sua importante saúde. O seu filho Benjamin ja se acha melhor da febre intermitente de que foi recentemente attacado. Fazemos votos pelo seu restabelecimento.”

O seguiente numero do *Pharol* respondeu por estes termos :

“Apareceu finalmente a folha do Sr. Chico Telles. E' um apontuado de tolices e infamias, e mostra bem a pessoa que se lembrou de fundar tão immundo jornal. Quanto ao que diz a respeito do respeitavel Sr. Tobias, toda a população desta villa protesta.”

O noticiario do *Pharol* dizia o seguinte:

“Temos a dor de annunciar que o honrado Sr. juiz de paz Manoel Tobias indo hontem a passeio cahio do cavalo e contudio um hombro. Foi logo medicado pelo honrado Sr. Dr. B. *** Desde então até á hora em que escrevemos, mais de cincuenta pessoas gradas tem visitado o illustre juiz de paz.”

A folha do Chico Telles não se pôde ter. Depois de responder ao artigo de fundo, em termos acres, disse na gazetilha:

“Queriamos saber quaes forão as pessoas gradas que tem visitado o Sr. Tobias, depois que cahio do cavalo. A não serem o taberneiro Arruda, o picador Mathias, e outros que taes, gente conhecida por toda a villa, não podemos saber quem seja.”

Acudio o *Pharol*:

“....Em todo o caso o Sr. Tobias não foi visitado pelo Sr. Chico Telles, cujo caracter desresivel ariada a la a gente de bem.”

A isto respondeu a *Atalaia*:

“O Sr. Telles não visita bebedos....

Estavão ascousas neste pô quando apereceu, o *Azourrague*, redigido pelo Sr. Anselmo, ex-redactor do *Pharol*. Eis a introdução:

“No meio da comedia a que existe a villa, desde que apareceu a *Atalaia*, e que se travou o tiroteiro entre ella e o *Pharol*, aparece hoje o *Azourrague*, disposto a dizer que tanto um como outro jornal são dous truões de força. Quem quizer rir dos Srs. Telles e Tobias vênhão assinhar esta folha, mas declaramos desde já que não somos folha de partido.”

Ou fosse a franqueza da linguagem, ou sympathia que merecesse o Sr. Anselmo, o certo é que o *Azourrague* adquirio logo popularidade.

(Continua).

Descoberta importante.

Noticiao o *Jornal do Commercio* que um cidadão de Nova-York fez a estupendissima descoberta de que as lamas da rua podião se transformar em Petroleo, ou Kerosene, um producto que deixa largos lucros.

A vista disto reunio-se a muito zelosa edilidade da muito heroica, leal e paciente cidade do Rio de Janeiro em sessão extraordinaria, deliberou reduzir todas as ruas a grandes lamaçaes para augmentar consideravelmente o seu rendimento, o que tornará ainda mais procurados os lugares gratuitos de vereador; consultados os engenheiros, apresentarão planos tão efficazes que unanimemente se resolveo augmentar a 30:000\$ nos vencimentos, e ao inventor do processo de transformar o lodo em dinheiro, conferiu-se o titulo de cidadão da sofredora e pacientissima cidade de S. Sebastião. Honra é esta com que elle se derreterá até a lama.

E desde hoje estabelece-se novo synonymo, enlamearse significará endinheirar-se, praticamente já muito christão tinha experimentado esse paralelo.

Cambronne.

Lord Palmerston.

Lord Palmerston é um mysterio. Velho, velhissimo cançado pelos trabalhos politicos, o espirito do presidente do conselho nem abate, nem se fatiga. E' sempre o mesmo, amante das mulheres e dos ditos chistosos.

Dizem as folhas desta côte que elle foi reeleito por Tiverton, mas o que não dizem é que o velho ministro, chegando áquella cidade dias antes da eleição, pronunciou da janella de um hotel um discurso humoristico que excitou risadas e aplausos.

Von fazer um resumo de memoria, porque o Moleque sahio ha pouco levando-me a folha ingleza em que vem esse discurso.

Disse mais ou menos o nobre Lord :

“Senhoras e senhores, aqui estou, e pelo agasalho que me fazeis sou capaz de mudar de opinião a respeito dos parlamentos de sete annos.

Passo a querel-los de um anno. Havia antigamente um antheo que, em cahindo ao chão, criava novas forças; era a terra, sua mãe, que lh'a dava. Eu venho a vós, para que me comuniqueis nova vida parlamentar. Creio que não sois criaturas de voltar as costas a um bom amigo. Assim, não serei máo propheta, se predisser que, na quinta feira serei de novo representante por Tiverton. Agora, boa noite, senhoras e senhores; obrigado.”

Vivos aplausos cobrirão estas palavras.

Foi reeleito.

Ha trinta e seis annos que o nobre lord representa Tiverton na camara dos communs.

Isto é que é fidelidade!



Briga de gallos.

DR. SEMANA:— Aposto um hiate de carne secca pelo gallo de crista amarela.

MOLEQUE:— E eu o vapor Piraih pelo de crista vermelha.

DR. SEMANA:— Vou tiral-os da praça publica e leval-os para o quintal.

MOLEQUE:— Então aquella briga é roupa suja que se deva lavar em casa?

DR. SEMANA:— E' sim, meu sonso.